

JARDIM-TEXTO-CORPO: NOTAS E POSSIBILIDADES...

JARDÍN-TEXTO-CUERPO: NOTAS Y POSIBILIDADES ...

Marta Lizane Bottini dos Santos

Mestranda em Artes Visuais Titulação/Universidade Federal de Pelotas - UFPEL
marta.lizane@gmail.com

Ursula Rosa da Silva

Dr.^a em Educação / Universidade Federal de Pelotas - UFPEL
ursularsilva@gmail.com

RESUMO

Este texto se ocupa sobre uma pesquisa que versa de assuntos relativos ao corpo e o que demanda este tema. Alinha-se com questões pertinentes a práticas metodológicas docentes, e tenciona o arco de questões a partir de um viés cartográfico de pesquisa. Tal estudo se faz no Programa de Pós-graduação no Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. O que se pretende ao tratar do corpo nesta pesquisa é antes de tudo, pensá-lo em sala de aula. Como é pensado? Se é pensado? Como professoras dos anos iniciais do ensino fundamental tratam tal assunto e se tratam como criam possibilidades de pensar/problematizar sobre as práticas cotidianas de ensinar e aprender sobre este corpo. O tema é extenso e palco para observações e discussões em muitas áreas do conhecimento: Filosofia, Artes, Ciências Biológicas, Educação, entre outras, e, possibilita criar linhas que escapam ao diálogo à medida que vamos adentrando ao tema e sendo atravessados por questões inquietantes que pedem a palavra ao tratar deste assunto, e para além das univocidades de que tratam tais ciências. Ao passo que esta pesquisa se desenvolve surge uma escrita que apresenta este texto como um jardim, um jardim-texto no qual convido você leitor a caminhar por entre as leiras deste jardim-texto, um jardim-texto movediço que construo com palavras, conceitos, flores e temperos.

Palavras-chave: Corpo. Corporeidade. Cartografia. Práticas docentes. Arte-filosofia.

RESUMEN

Este texto se ocupa sobre una investigación que versa de asuntos relativos al cuerpo y lo que demanda este tema. Se alinea con cuestiones pertinentes a prácticas metodológicas docentes, y tiene el arco de cuestiones a partir de un sesgo cartográfico de investigación. Este estudio se hace en el Programa de Postgrado en el Máster en Artes Visuales de la Universidad Federal de Pelotas - UFPEL. Lo que se pretende al tratar del cuerpo en esta investigación es ante todo, pensar en el aula. ¿Cómo es pensado? Si se piensa? Como profesoras de los años iniciales de la enseñanza fundamental tratan tal asunto y se tratan como crean posibilidades de pensar / problematizar sobre las prácticas cotidianas de enseñar y aprender sobre este cuerpo. El tema es extenso y escenario para observaciones y discusiones en muchas áreas del conocimiento: Filosofía, Artes, Ciencias Biológicas, Educación, entre otras, y, posibilita crear líneas que escapam al diálogo a medida que vamos adentrando al tema y siendo atravesados por cuestiones inquietantes que piden la palabra al tratar de este asunto, y más allá de las univocidades de que tratan estas ciencias. Al paso que esta investigación se desarrolla surge una escritura que presenta este texto como un jardín, un jardín-texto en el que invito a usted lector a caminar entre las leñas de este jardín-texto, un jardín-texto movedizo que construyo con palabras, conceptos, flores y condimentos.

Palabras clave: Cuerpo. Corporeidad. Cartografía. Práticas docentes. Arte-filosofía.

Revirando a terra...

*[...] sinta o ar fresco que surge com aroma de gozo de abelhas e de mulher que toca suas
facetas, sinta o bálsamo de flor de minhas virilhas invadirem tuas narinas e te levar por entre este
jardim movediço que sou...
- A autora -*

Este texto articula ideias e busca fazer uma discussão acerca de um tema que há muito tempo me inquieta, e é nos dias atuais trabalho da pesquisa a qual me ponho a investigar. Esta é realizada no curso de Pós-graduação no Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, e tem como finalidade trazer reflexões sobre o corpo, o qual se pensa com demasiado cuidado, com vistas a todas as abordagens empírico-metodológicas possíveis que tratam sobre o assunto. Proponho como elemento de estudo, ainda em uma abordagem inicial, tratar sobre o corpo e práticas/metodologias em sala de aula, e as derivações-linhas que demandam este tema. É preciso salientar que ao passo que as leituras/estudos vão se constituindo, abrem-se possibilidades de pensar este objeto de estudo sobre inúmeras perspectivas e abordagens-modos de como podem ser tratados. Por estar ainda em construção esta pesquisa de mestrado, ainda não possui resultados definitivos, e as observações-leituras das quais faço produzem observações parciais as quais busco aqui contextualizar...

O que se pretende ao tratar do corpo nesta pesquisa é antes de tudo, pensá-lo em sala de aula, por exemplo, como é este corpo? Como é problematizado? Será que é problematizado? Como professores dos anos iniciais do ensino fundamental tratam tal assunto e se tratam como criam possibilidades de pensar sobre as práticas cotidianas de ensinar e aprender sobre o corpo?

Ao passo que esta pesquisa se desenvolve surge uma escrita que apresenta este texto como um jardim, um jardim-texto no qual convido você leitor a caminhar por entre as leiras que surgem, um jardim-texto movediço que construo com palavras, conceitos, flores e temperos. Aos incautos quiçá cabe aqui perguntar por que um jardim? Um jardim possui uma afinidade muito grande com uma pesquisa, desde os pormenores que envolvem as construções de um ou outro; flores e temperos que vou plantando enquanto construo jardins de onde observo com atenção o melhor local para fazê-los, desde quando escolho as flores adequadas, os temperos, os vasos, locais onde é preciso revolver a terra preparando-a com cuidado retirando ervas daninhas, cascalhos, observando a incidência de luz, sombreamento, adubando, regando esta terra, flores e temperos de inúmeros aromas, tons e cores, vasos

suspensos traçando linhas para dar-criar caminhos àquelas plantas que precisam de esteio para seguir adiante.

Uma pesquisa antes de tudo precisa de um tema, um terreno onde iremos construir nossas problematizações. Precisamos escolher um local adequado, essa poderia ser a metodologia que iremos empregar, limpar este terreno retirando os entulhos, as ervas¹ daninhas, estas que podem ser nossas indagações, “[...] a grama só existe entre os grandes espaços não cultivados. Ela preenche os vazios. Ela brota entre as outras coisas. A flor é bela, o repolho é útil, a tulipa endoidece. Mas a grama é transbordamento, é uma lição de moral” (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 25); revirar a terra produzir as primeiras leiras, estas poderiam ser as primeiras leituras e por então as escritas, as palavras seriam as flores e temperos: porque não dizer nossas flores-palavras, conceitos-temperos? Ideias que vamos colocando nesta pesquisa ao passo que ela vai se fazendo, se construindo... Um jardim não se constrói em pouco tempo, pois demanda cuidado para que exiba em todo esplendor sua graça, uma pesquisa, outrossim, também demanda este mesmo esforço pois, aos poucos vai abrindo sendas no pensamento que permitem andarilhar por entre palavras, odores, conceitos, cores, que dão liquidez, deixam fluir as límpidas águas do intelecto promovendo deste modo um agenciamento de encontros. O encontro como pensa Deleuze (1996) determina forças criativas, e, é esse tipo de encontro que se quer aqui pensar, o que autoriza agenciamentos. “É só num encontro que um corpo se define” (SILVA, 1995) veste-produz outra silueta e frui para além do comum. “É no encontro do rio com a roda d’água, com suas aletas de madeira que fazem a mó girar e o moinho produzir, transformando o grão em farinha” (CAMPELLO, 2016. p. 45) produzindo de tal modo algo novo a partir de forças que foram empregadas de forma criativa.

O tosquiador a ovelha o mais rente à pele para aproveitar a fibra em seu maior comprimento e retirar o velo com cuidado, lavar, esgadelhar, cardar e fiar o fio, torcê-lo, ensarilhar, dobar e com ele tecer, tricotar, cerzir, atar, amarrar, ligar pontos, pontas e peças, agenciar, criar. Do tosquiador a ovelha produzimos o fio de lã, do fio produzimos peças a partir de uma necessidade produtiva - seja ela qual for, mas é preciso vários elementos, a ovelha, o tosquiador, a tesoura de tosquiador, a artesã, a roca, o fiar, o fio e todo o processo que isso envolve. Nunca desejamos algo só, mas em conjunto (DELEUZE, 1995), a abelha e a orquídea, o rio e o moinho, o corvo e a presa, criamos territórios a partir do agenciamento de desejos que se constroem, *desconstroem* e se *reconstroem* em planos de imanência. (CAMPELLO, 2016. p. 45).

É na construção destes jardins de onde retiro forças e inspiração para problematizar questões que a mim são caras quando trato sobre meu objeto de pesquisa, o corpo. Desta

¹ As ervas daninhas podem ser pensadas também como grama.

maneira, cartografo este assunto e outras linhas que surgem e escapam nas quais me aprofundo e deixo-me envolver, deixo de lado algumas destas linhas, sigo caminhos novos ou então antigos, colocando mais e mais os pés neste território fértil, nesta terra úmida, que permite pensar temas pertinentes ao corpo e que versam sobre educação. É neste território onde problematizo questões e também busco compreender como surgiram tais inquietações, quais pistas foram deixadas ao longo de muitos caminhos, quais segui, quais desviei, enfim... Ofereço esta proposta, esse jardim-texto como uma metáfora para seguir cartografando minhas práticas, esse jardim como facilitador ao cultivo de um modo de perceber educação.

Em meio às leiras de um jardim...

Qualquer um pode tentar capturar o vento...
- Hardt & Negri -

Este texto serve a um propósito, um rito no qual na escrita e leitura que faço inúmeras vezes faço cartografia, pois, sempre que retorno nele sou outra, outra que pensa de um modo distinto de quando iniciou esta escrita, esta leitura e que se reinventa a cada nova palavra posta nestas leiras. Deste modo, este rito é um novo início a cada instante que faço novamente sua leitura, sua escrita.

Peço agora que retire seus sapatos, suas certezas de tudo que achas que sabe, sua pressa, seus afazeres; para que caminhe comigo por entre as linhas que seguem... Caminhe comigo neste jardim-texto-corpo, e busque compreender comigo ou não, o que problematizo...

Jardim-texto-corpo é deslocar o pensamento, deslocar este corpo para um lugar de atuação, de se sentir, de sentir o cuidado das relações, o semear, plantar, experimentar novas possibilidades, criar, apr(e)ender, se expressar, é ser corpo participante vivo, líquido que como as águas que escapam de uma vala buscam outro curso, que busca sentidos... É transitar por jardins de diversas formas, é buscar caminhar com amigos nessa busca inquietante do fazer-se professor. Pensar que todos nós temos conhecimentos próprios e que somos criativos capazes de aprender e ensinar. Falta-nos apenas disparadores, dispositivos, algo que nos desperte a atenção, e que nos torne cheios de sentidos abrindo deste modo sulcos nesta terra para que possamos então começar a semear...

Ao pensar esta pesquisa, em meio à construção de questões para indagar este assunto, percebo a riqueza que há na construção de jardins. O que é a criação de um texto senão a criação de um jardim? Qual a finalidade de um jardim? Trazer beleza e inspiração, aconchego

e descanso, um agenciamento de encontros em harmonia... Um texto não é mais que isso. A construção de um texto perpassa pela escolha de um tema, pelo uso correto das palavras ajustadas as classes que regem as normas, dos signos e sentidos que se quer expressar, conceitos, autores dos quais se pretende utilizar para ao fim e ao cabo harmonizar uma ideia.

Quando se pensa educação ao fim e ao cabo o se pretende não é harmonizar de algum modo práticas, metodologias que possibilitem ao educando fruir de forma plena o que esta se aprendendo? Não só ao educando, mas também ao educador, pois penso educação como uma troca de experiências, um encontro.

Esse jardim pode ser a escola, a sala de aula. Terreno fértil onde podemos semear boas sementes e que com cuidado quem sabe podemos colher flores e temperos muito belos, com aromas ainda mais exuberantes. Assim como um jardim que necessita cuidado, limpeza diária, poda, rega, cuidado ao lidar com as flores, saber o nome próprio de cada uma, as necessidades de cada uma, mais água para esta, menos para aquela, mais sombra nesta, menos aquela, são Trevos, Aphelandras, Coração de Cristo, Dálías, Rosas, Jasmins e outras tantas... Algumas necessitam de mais autonomia, outras não. Deste modo, percebo a docência, os alunos, a sala de aula, pois o cuidado que devemos ter ao lidar com pessoas únicas, tão particulares com tanto para nos dizer e ensinar, são como plantas em um jardim tão rico e belo e colorido que demandam cuidados, atenção diária. Há, porém, entre meio as leiras, as ervas daninhas tão importantes quanto a plantas que plantamos, pois elas nos lembram do cuidado que devemos depositar, pois senão nosso jardim se torna só mais um lugar chato, sem vida, feio e sujo.

Ao escolher esta metáfora do jardim para construir minha pesquisa penso na harmonia da construção dos conceitos que precisam ser bem apreendidos, bem dosados, colados nos devidos lugares e que assim como a água que rega as plantas precisa saber quando é preciso usar mais ou menos. Um jardim-texto cheio de possibilidades, de linhas, leiras, de descobertas, de riquezas. Um cartografar e ser protagonista, percorrer os caminhos desde minha infância e observar com cuidado onde este corpo surge e me atravessa...

A cartografia como método de pesquisa

A proposta do método de pesquisa escolhida para se trabalhar é a cartográfica, pois possibilita mover-se em meio às questões da pesquisa de um modo em que tudo o que seja matéria possível, sensível e que afete o pesquisador seja trazido à discussão e fomenta

problematizações. Deste modo, ao buscar elementos possíveis ficciono, crio, evidencio termos, trago elementos de outras áreas para contribuir com minha pesquisa, busco outros cheiros, outros gostos, tiro os sapatos e ando descalço em brasas. Tal método não visa os fins e sim os meios. Interessa mais falar sobre o que ocorre no meio do que ocorre no fim do que achar alguma resposta, “cartografar é acompanhar um processo, e não representar um objeto” (KASTRUP, 2008, p. 469). Não é a conclusão que importa, mas sim, a construção e tudo o que imbricou esta construção. Assim sendo, aproprio-me de tal método, de tal “prática investigativa que ao invés de buscar um resultado ou conclusão, procura acompanhar o processo” (COSTA, 2014, p. 70), andar em meio ao terreno e observar com cuidado, estar à espreita para cada possível detalhe que de suporte, crie linhas para procurar investigar. “A pesquisa cartográfica exige dedicação, estudo e preparação como em qualquer outro método. Não se abandona o que se sabe, mas se amplia, modificam-se os sentidos” (CAMPELLO, 2016, p. 27) buscam-se vias novas, caminhos distintos de se fazer pesquisa. A cartografia permite-me ser parte, fazer parte, tomar parte do processo, acompanhar...

Esta questão do corpo me inquieta desde antes, desde um pretérito enquanto criança e aluna dos anos iniciais do ensino fundamental, desde minha Licenciatura em Artes Visuais nesta Universidade – UFPEL, após no curso de Pedagogia, e segue pulsando forte, pois quando leio este pretérito me coloco em meio a esta pesquisa, percebo este corpo que já estava lá desde cedo me ‘provocando’, inquietando e, é deste sentir, perceber que a cartografia é feita, a partir de inquietações que te atravessam.

Ao escrever este texto e pensar sobre estas questões que são onerosas a mim, estou fazendo cartografia, pois sigo por entre linhas as quais me proporcionam pensar sobre este corpo em sala de aula, o devir-corpo-meu... Um corpo familiar aprisionado a sapatos de chumbo, um esteio para não desviar da forma dita ‘adequada’ de um corpo. Um corpo frágil, inquieto, repleto de rasgos, e ‘vergões’ de cacos de vidro e pregos velhos, todas as árvores que se pudesse subir e balançar e sentir o vento eram um bom castelo, uma boa nave espacial na qual se navegava as estrelas no salsão chorão, interrompia-se os limites impostos do criar. O olhar de turista que preenchiam os olhos castanhos que brilhavam ao sol, o cabelo cor de ouro que bailava e uma vontade de explorar o mundo que surgia a cada passo. Um corpo-menina que via flores de açúcar sendo criadas com carinho em tortas e bolos que adoçavam ainda mais o amor de mãe. Um corpo-menina que caía e corria e dormia com os pesados sapatos de chumbo... Sapatos que defendiam e protegiam dos que caçoavam... A cartografia

“não abre mão do rigor [...] o rigor do caminho, sua precisão, está mais próximo dos movimentos da vida” (KASTRUP, 2014, p.11).

Ao tratar de cartografia, método proposto por Deleuze e Guattari, pensa-se “uma geografia dos afetos, das sensibilidades, dos movimentos e das subjetividades que podem, assim, pensar sobre procedimentos de transformação que afetem/possibilitem implicações no individual e também no coletivo. Pesquisador e problema de pesquisa.” (CAMPELLO, 2016) Pesquisador do problema de pesquisa. Segundo Rolnik (1989),

A prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formações do desejo no campo do social. E pouco importa que setores da vida social toma como objeto. O que importa é que ele esteja atento às estratégias do desejo em qualquer fenômeno da existência humana que se propõe perscrutar desde os movimentos sociais, formalizados ou não, as mutações da sensibilidade coletiva, a violência, a delinquência [...] (ROLNIK, 1989, p. 65).

Àquele que pesquisa ao modo cartográfico, a qualquer momento, irá perceber brotar pistas que podem problematizar sua questão de investigação: um filme, um livro, uma pintura, um acontecimento - a partir da proposta deleuziana de pesquisa, onde o acontecimento é aquilo que nos toca -, um cheiro, um olhar desprezioso, um caminhar por caminhos já percorridos, “todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas” (ROLNIK, 1989, p. 65) que as possibilidades de fuga se apresentem e possibilitem seguir buscando apre(ender) mais sobre o objeto de estudo, ainda que o objeto sejamos nós mesmos “[...] a cartografia não depende de um plano a executar, de um conjunto de competências a adquirir ou de uma lista de habilidades a aplicar em determinado campo pelo pesquisador” (FARINA, 2008, p. 09) à cartografia somente a entrega e de como ocorre esta entrega é que nos interessa, é estar sensível ao que nos toca. “Ser cartógrafo não é algo que se define a partir de percursos já gerados, de caminhos já seguidos, nem mesmo do uso de utensílios ‘próprios’ para a pesquisa, pois, toda pesquisa se torna nova quando se aprende a observar” (CAMPELLO, 2016), cada pesquisa é nova mesmo que o tema seja antigo, é o que imprimimos a ela e como imprimimos: gestos, modos, olhares torna-a única.

O fazer de uma escrita cartográfica pode ocorrer pelo meio, não existe um início, um fim, não se busca responder perguntas, mas sim tencionar, abrir a caixa de Pandora e deixar escapar, fruir inquietações, deixar escapar-se; “desta forma, o que se percebe na cartografia é que o pesquisador-cartógrafo vai construindo seus passos estando no próprio campo, é estar no território” (COSTA, 2014, p. 70), é construir este território ao passo que a pesquisa vai se construindo, vai se fazendo, ou se desfazendo... Como diria Luciano Bedin da Costa (2014) “é uma prática de pesquisa suja, pois é também parte da geografia a qual se ocupa – não se pode

em uma pesquisa cartográfica, situar o campo de pesquisa como algo que estaria ‘lá’ e o pesquisador ‘aqui’” (p. 71), ambos estão amalgamados campo-problema-pesquisador, pesquisa, corpo...

Na aula prática tivemos a oportunidade de dar voz a exercícios corporais através de experimentos poéticos, onde de imediato me utilizei de materiais do ateliê de pintura, tais como uma cadeira aprisionada com cordas, onde coloco sobre ela elementos que estavam em minha mochila: dois livros; Aqui é tudo diferente, de Lívia dos Santos (2016), que fala sobre uma experiência estética do uso de um pêndulo em um trem em movimento. Tal movimento do trem fazia com que o pêndulo que havia sido imerso em nanquim produzisse imagens sobre uma superfície de papel, e o outro livro que era de poesia, Diário do último ano. A autora do livro era Florbela Espanca (2009). Tiro também os meus sapatos e coloco nos pés dessa cadeira representando os meus que foram tão aprisionados, cerrados, durante muito tempo com botas de ferro, que deixaram marcas profundas, em um corpo em formação, engaiolado e recolhido, e, talvez, essa necessidade que tenho em libertar esses pés, ter este contato com as vibrações da terra, de voltar a ser criança em um tempo em que tinha os pés descalços, nus no ermo, correndo pelos campos e ruas, pelas sarjetas cheias de água, de bailar na chuva e poder sentir cada pedrinha que incomodava. Do sol que queimavam as solas destes pés, os espinhos, os pregos que furavam sem dó, e faziam-me ir ao hospital tomar injeções antitetânicas. – Ah!!!! Esses pés de tantos significados e que tanto andarilharam em busca de tantas inquietações...

Falar de corpo é falar de algo rico, é falar de arte pura e viva, de algo sagrado. É falar de algo possível, e que passa por esse movimento de memórias, resgates, infância. É poder olhar dentro de si e dar voz a esse corpo que reencontro novamente na pesquisa em teatro chamada: Laboratório de teatro: Estudos e práticas com atores e não atores, o qual durou exato um ano (2007 a 2008) na UFPEL. Neste laboratório coloco esse corpo a prova, à frente, os pés descalços, nus. Lá sinto um corpo que vibra e chora e sorri e que rola e treme que ressoa vozes de mim que emanam e que quer comunicar intensamente suas alegrias, suas emoções e angústias, que enfrenta suas limitações e seus medos. Reencontro-me com a criança adormecida. E é lá que posso dar assas e voz a esse corpo aprisionado por tanto tempo...

Percebo neste laboratório que não preciso mais ter um corpo dócil que serve a todos, pois agora tenho consciência que meu corpo é meu território, e de mais ninguém. Percebo/sinto como se um véu sagrado desnudasse os lábios modestos, mas que também são profanos. Lábios que sentiram o toque suave da malícia, mas que ainda mantém a inocência...

Nesse laboratório-labirinto meus olhos caminham e buscam compreender maneiras de olhar para esse corpo tão simples e tão complexo. Utilizo-me desse corpo como suporte de arte, pois posso espiar entre as frestas e descobrir inúmeras possibilidades de devir-corpo como poesia, como música. Poesia e música que acalenta a alma, como suaves os dedos que dançam-atacam as cordas de uma harpa que nos eleva o espírito para além do chão, para além de nós mesmos. (a autora 2018)

A cartografia como método de pesquisa, põe “em relação um conjunto de saberes: o cartógrafo pode ser um filósofo, sociólogo, um psicólogo, um historiador, um geógrafo, um sintomatologista, um clínico, e, sobretudo um artista” (COSTA, 2014, p. 75). Ao cartógrafo é admissível diversos modo de construir o saber desde que exista encontro.

Ao perceber a cartografia a partir do olhar de um jardim movediço, onde sento em meu banquinho de madeira e observo as estrelas atentamente, o movimento que ocorre entre elas, às ligações, os agenciamentos, rizomas. Buscando vários pontos entre as mesmas, permitindo deste modo o fluxo, a passagem, criando linhas que se fazem juntamente com a abertura, como a das portas da percepção, com movimentos do desejo, observando os caminhos, as estradas e saídas que foram criadas, a partir do próprio movimento dos olhos, estes que buscam, buscam, buscam...

O cartógrafo traça estes movimentos, observa os mínimos movimentos de expressão, fruição e tudo o que for gerador de sentidos. Inquietações, o novo, até mesmo o que é antigo, o que vibra e faz vibrar o corpo. Não nos interessa explicar, mas compreender, mergulhar nos afetos e criar pontes, buscar e descobrir tons de uma mesma cor e perceber que há ainda mais a se buscar e descobrir. Assim como se faz este jardim, elemento a elemento, um a um com o intento é de mexer e fazer viagens de transição abrindo e fechando portas para esta ou outras esferas. Quer-se é enrodilhar por realidades distintas e campos fecundos. Fazer vibrar as cordas de uma harpa ou as linhas do corpo que se faz vibrátil e não teme o movimento, deixa escapar o encantamento, abre sulcos na pele para dar acesso ao que quer sair. É como rio que

nasce pequeno, e vai abrindo caminhos e se fazendo grande, para logo encontrar águas volumosas e potentes, que fruem com força e intensidade.

O cartógrafo deixa-se fruir vendo o mundo com suas próprias lentes, utilizando seus próprios códigos, sua linguagem e seu alfabeto, seu silêncio e sua solidão, “está ‘entre’ todo mundo, se põe em movimento como um barquinho que crianças largam e perdem e que outros roubam. (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 09). É como bater de asas de um beija-flor canalizando a energia no voo, mas não se esquecendo de extrair o néctar das flores, ou o João de barro que constrói sua casa grão a grão não a si, mas à sua companheira. É como semente que cai na terra e germina pouco a pouco, produzindo algo a partir do movimento de cair.

Ao cartógrafo é importante a queda, pois, “só tropeçarmos quando nosso pé se encontra com algo” (COSTA, 2014, p. 75), não nos interessam verdades, não nos interessa o aconchego e beleza das cores do jardim, mas sim o movimento que se fez ao criá-lo, do tanto que se mexeu com a terra, da escolha das flores e temperos e de onde ia se colocar um ou outro. Interessa é observar quem são seus moradores, quem vem visitá-lo. Interessa observar, estar à espreita. Encontrar. Encher os pulmões com uma lufada de ar puro e deixá-lo escapar sem culpa...

Que corpo é este que cartografa?

*[...] E o ele foi: clavículas, abdômen.
O coração, a boca, em sínteses, o Homem,
- Engrenagem de vísceras vulgares -, os dedos carregados de peçonha,
tudo coube na lógica medonha dos apodrecimentos musculares!
A destruição dos intestinos assombra!
Vede-a!
Os vermes assassinos dentro daquela massa que o húmus come,
numa glutoneria hedionda,
brincam, como as cadelas que as dentuças trincam
no espasmo fisiológico da fome.
É uma trágica festa emocionante!
A bacteriologia inventariante toma conta do corpo que apodrece...
- Augusto dos Anjos -*

Mas que corpo é este de que trato? Onde se assentam as ideias no pensamento quando busco revirá-las? O corpo do qual me inquieto é um corpo-fluxo, um corpo-movimento, intensidades, um corpo criativo que faz torções em si mesmo, “um corpo antes do organismo já estratificado, um corpo que, por assim dizer, pode se tornar o que quiser definido-se apenas

por multiplicidades” (MOSSI, 2013. p. 41), um corpo que quer escapar, como a água em um cano furado mas que esta preso, um corpo que persegue linhas, que dança como folha solta ao vento. Um corpo que se encontra separado do que pode, pois esta vigiado, esta punido “que se tornou num corpo investido, crescentemente submetido ao controlo social e intervenções no sentido de canalizar e controlar as forças que agem sobre seu comportamento”, (PEREIRA *apud* FOUCAULT, 2010, p. 45) *grifo do autor*. “O grande instrumento de razão de uma cartografia é o corpo. É preciso, pois, saber ouvi-lo e acioná-lo” (COSTA, 2014, p. 74) fazer este corpo sentir, encontrar, autorizar-se criar com os encontros.

Que linhas são estas que persegue este corpo? Pensar algumas destas linhas que tratam sobre o corpo, é pensar, por exemplo, sobre práticas e metodologias docentes que também faz escapar e levar ao conceito de corporeidade que segundo Ahlert (2011, p. 04) “indica a essência ou a natureza do corpo. A corporeidade vem de corpo, que é relativo a tudo que preenche espaço e se movimenta”. Deste modo, quando se trata de perseguir estas linhas, iremos sempre ter outras que podemos ou não seguir... E, precisamos ter cuidado, pois podemos perder-nos e não conseguir voltar mais...

Além de Ahlert (2011) surgem autores que tencionam este arco e buscam ajudar a pensar sobre este corpo: Foucault (1987), Sibilia (2012), Le Breton (2011), entre outros, e alguns dos quais busco inspiração/encontros para problematizar esta pesquisa, autores pós-estruturalistas e que pensam suas pesquisas/trabalhos a partir do método cartográfico; Deleuze e Guattari (1995), Passos, Kastrup; Escóssia (2009, 2014), Tedesco (2014), Rolnik (1989)... Surge nestes autores inspiração para produzir esta escrita que é atravessada a todo instante por questões arriscadas que me inquietam. Questões amalgamadas em um pretérito e presente que se fazem unas e miram alvos/dúvidas incerto(a)s, alvos que se fazem ao passo que se adentra mais e mais neste jardim-texto de terreno fértil...

Ao passo que aqui pretendemos tencionar o arco de questões sobre práticas e metodologias docentes cabe questionar: O corpo que preenche espaço se movimenta em sala de aula? A corporeidade destes alunos que lá estão é percebida? De que modo? É aqui que precisamos ter cautela e dedicação e ir com cuidado revirando/remexendo nestas questões, pois, o objeto deste estudo, o corpo, perpassa e se move em meio a metodologias, bibliografias e autores de inúmeras disciplinas e áreas do conhecimento. Estes aparecem para tentar ‘explicar’ com opiniões, sugestões, inquietações, e para além das possibilidades que se pode explorar este tema, um modo de problematizar, tentar formar um arcabouço rico de

discussões que nunca esgota ou cansa de se ouvir ou falar, pois este assunto é, e sempre foi um grande campo a ser explorado, “é questão contemporânea do qual vem se ocupando pensadores de várias áreas. Filosofia, antropologia, sociologia, medicina, engenharia genética, artes cênicas e comunicação...” (SIQUEIRA, 2006, p. 39) que cheios de expressões, fruições e criação buscam compreender de que forma esse corpo se desenvolve, este corpo que diz: - Eu sou corpo.

O corpo é rico de possibilidades que podem ser explorados por professores de diferentes formas potencializando deste modo o aprendizado, aprendizado nesta pesquisa entendo tanto do aluno como do professor, pois se não existe encontro nesta relação não existe aprendizado. Aprender é uma troca. O encontro pensado por Deleuze e Guattari (1995) não é o encontro de pessoas, coisas, objetos, mas o encontro de forças que potencializa outros movimentos: uma leitura, uma música, um filme, uma flor... Um trovão que rasga os céus e surge com uma capa vermelha empunhando um martelo místico... A sala de aula é rica de encontros, basta estar sensível para se deixar encontrar... Penso que é papel do professor, como mediador, provocador desses saberes fundamentais para a construção das relações, do caminhar junto, ser criativo, fazer deslocamentos, inquietar na sala de aula, construir jardins, buscar notas novas mesmo em melodias dissonantes, apresentar um quadro verde e velho e com roupas sujas repleto de histórias novas, *Once up a time*².

Ao trabalhar em nome do conceito de corpo, o educador deve compreender sobre questões relativas ao tema, pois, inúmeros autores problematizam o assunto a partir do arcabouço conceitual do qual faz seus estudos, problematizando-o desta forma e criando assim, discussões que deriva ao encontro de possibilidades ou não de melhor fruir sobre este assunto. Por exemplo, professores de educação física, tratam do tema a partir de autores que versam sobre saúde. Professores de Artes, a palavra artes aqui com toda a gama de sentidos que a envolve: teatro, música, dança, etc.; e não generalizando tratam do assunto a partir de autores que problematizam a estética. E, para além destes autores, há os que buscam na Filosofia amparo para discutir sobre este corpo.

Ao passo que iniciei buscar materializar o pensamento em palavra e criar os primeiros jardins-textos, mesmo sem saber que eram jardins, foram feitas algumas leituras e estas levaram-me a um forte discurso a cerca do corpo predominantemente relacionado ao culto de

² A série se passa na cidade fictícia de *Storybrooke*, no *Maine*, cujos moradores são todos personagens de contos de fadas que foram transportados da Floresta Encantada para o "mundo real" através de uma poderosa maldição obtida através de *Rumplestiltskin* e lançada pela *Rainha Má Regina*.

padrões preestabelecidos pela sociedade, sociedade esta que nos últimos tempos valoriza-o em demasia, o corpo é moeda usual, é instrumento onde mudanças e conquistas ocorrem, com forte influência nas áreas médica e estética, arquétipo onde neste novo século, ainda com mais abrangência a tecnociência e inúmeros avanços surgiram nas práticas de medicina em virtude de uma grande expansão na área das tecnologias.

A beleza eterna que se busca, e se constitui em práticas de exercícios físicos a todo instante propagados como aliados de um bem estar emocional/social transformando a forma física do corpo que se molda a cada época em sinônimo de saúde e beleza. Nesta atual época, exigem-se corpos magérrimos e bem delineados. Envelhecer não é mais permitido, “a morte e a velhice que surgem para atemorizar este homem que hoje é biotecnológico prende-se ao ‘culto ao corpo’” (SIBILIA 2012, p. 151) desconsiderando o que anteriormente era belo, e que hoje assume novos padrões.

As sociedades atuais cultuam em demasia o corpo que em sua estrutura literal, busca ainda cumprir seu papel e funções, mas que já carrega consigo o estigma da ‘obsolescência programada’. Deste modo, na atual sociedade este corpo bem delineado é sinônimo/status de consumo, objetivo a ser alcançado. É a composição do embate entre o envelhecimento/morte, trazendo uma concepção de corpo redefinido, o velho torna-se um estigma porque está à mercê do tempo e da natureza. “A negação do próprio corpo insta a conquistar a qualquer custo à visibilidade e a celebridade midiática para poder ‘ser alguém’ na sociedade atual” (SIBILIA, 2012, p. 149), ‘ser alguém’ esta para além de criar encontros e pensar escapar destes grilhões que invisivelmente os prende a cadeira em frente à TV, os prende a esteira da academia, os prende aos discursos bem estruturados que versam sobre como ser, o que vestir como andar, que medidas (inatingíveis) possuir, aos discursos de como obter tais medidas... A luta contra balanças que impõem a cada novo dia um menor peso, 10 quilos não querem realmente dizer 10 quilos. O corpo se torna um instrumento para fixar sujeitos no seio social do qual se quer fazer parte. – Nossa como você esta envelhecida!... – que corpo é este bem malhado?...

Ocorre o hibridismo entre a carne e técnica que enfatiza a fabricação de biomateriais, que são mesclados aos terminais nervosos e musculares, ao associar ciências biológicas, informática e robótica. Desenha-se um novo mundo de sentidos, com a definição esperançosa que precisa ir além dos seus limites tradicionais e de configurações impostas. Porém, é

recorrente a visão que considera o corpo como “‘obsoleto’, despojado de valor, tornado insípido” (STERLAC *apud* LE BRETON, 2013, p. 52).

O corpo ampliado pela biotecnologia vai deixando de lado um corpo obsoleto que se transforma com o passar dos anos. E no cerne de tantos avanços que vem ocorrendo se torna relevante “refletir sobre as desordens e diferenciados ordenamentos decorrentes dos avanços tecnológicos”.

Guacira Lopes Louro nos diz que “o corpo é o que se diz dele” (p. 12) ao passo dos longos dilemas contemporâneos que estabelecem um percurso entre a construção individual do corpo e sua gestão social sendo que estes dilemas perpassam por questões como “bioética, bioestética, biopoder e biotecnologia” (COUTO; GOELLNER, 2012, p. 08) estimulados por/diante de, um mundo em transformação onde se vive uma “progressiva banalização da experiência humana. Essa condição nos traz imensos desafios, como a urgência de construir corpos nos ritmos acelerados das mudanças tecnológicas” (COUTO; GOELLNER, 2012, p. 08). O corpo que hoje possibilita discussões, busca de forma incessante, a beleza eterna, que se constitui nos mais íntimos/fugazes desejos. Nunca se deseja uma única coisa, o desejo é um agenciamento de forças, e desejar é construir agenciamentos, pois “nunca desejamos algo só, sempre em um conjunto de coisas³”.

O ser humano vem experimentando, nos últimos anos, um processo de transformação, no seu modo de vida. Para Sibilia (2012, p. 145) “os corpos humanos podem cada vez mais, e podem durante mais tempo”. É desde os anos 50 que a experiência de mixar corpo e as tecnologias vem deslocando da ficção para o cotidiano das pessoas, do marca-passo aos chips; dos condutores elétricos que emitem sinais nervosos do cérebro para os órgãos; as diversas próteses instaladas no corpo para superar deficiências, curar doenças, realçar aspectos da beleza, favorecer a juventude e revitalizar o desempenho corporal; “os confins do corpo humano estão sendo redefinidos” (SIBILIA 2012, p. 146). Á tecnociência, possibilita ser quem quiser e a incisão de inúmeras práticas cirúrgicas possibilita, inclusive, a troca de sexo. Nasce-se homem e ocorre à mudança para assumir-se como mulher e vice-versa, “o princípio de identidade torna-se tão obsoleto quanto às formas corporais indefinidamente remanejáveis” (LE BRETON, 2013, p. 49). O corpo parece feito de “máquina, imagens e informações”,

³ Ideias elaboradas a partir da letra “D” de Desejo, contidas no Abecedário. O Abecedário de Gilles Deleuze é uma realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord [com modificações]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uojVXjdBwg0> > acessado em 02/09/15.

(SANTAELLA *apud* DYENS, 2007, p. 130) sangue e pus e ossos e vísceras que abroham de forma incessante criando, constituindo, sendo sujeito, sendo ser. Os corpos aparecem “borrados, moldados e transformados pela tecnologia” (ib).

Temos o corpo no seio central de inúmeras discussões nos dias de hoje. Mas não se percebe verdade quando entramos no seio da escola, e é aqui que cavo mais fundo e reviro a terra com mais vigor para extrair todas as raízes que lá ainda persistem, quebro todos os torrões de terá que insistem em permanecer em blocos quando pisamos em um terreno que se mostra fértil a discussão, mas também é um terreno minado. Repleto de bombas que expõem preconceito, desconfiança, suspeitas...

– Ha sim! Precisamos sim ser cautelosos, mas não omissos. Precisamos pensar que este corpo que está preso a cadeiras e modos/práticas de lecionar de determinados professores, precisa ser explorado. Professores que exaustos e fatigados de numerosos anos de abandono, de descaso e más condições, de políticas públicas que (não) pensam a docência, ou por negligência, ou por omissão e empurram este professor escada abaixo. É difícil nos dias de hoje de interação instantânea (internet) pensar educação, que ainda é bancária, calcada e assentada no sentar e copiar, calar e não mover-se, olhar tão somente a nuca do colega que esta a frente ser algo prazeroso ao aluno. Não falo isso como metáfora, mas sim como fato observado e comprovado infelizmente nas relações que tive/tenho com salas de aula distintas. Desde observações e docência de estágios supervisionados de licenciatura dos cursos de Artes Visuais e Pedagogia às aulas nos referidos cursos de graduação e até mesmo mestrado. É incrível que se problematize tais questões dentro da academia e aqui ainda se faça uso do mesmo quadro verde e velho com roupas sujas, mas que não esta repleto de histórias novas...

É importante salientar que a intenção desta pesquisa não é propor uma fórmula adequada de como devemos tratar o ‘corpo’ em sala de aula, pois, cada perspectiva é distinta da outra, mas sim, isso sim, problematizar... Oferecer questões, problemas, fazer com professores movam o pensamento e alterem as fronteiras do ‘fazer docente’; pensem sobre como lidam em seu dia a dia com estes corpos que estão enraizados... Já não é muito o ‘controle’ capitalista vigente impondo suas normas e padrões?

Historicamente a escola desconsidera temas relativos ao corpo, a corporeidade, há um tabu, aromas de preconceito, cheiros de ares poluídos pela maldade. Tais temas são abordados na maioria das vezes com superficialidade e em(in)pregados de preconceitos sociais. Quando Foucault (1987) trata do tema em Vigiar e Punir, percebemos a escola e as fábricas e os

manicômios acomodando, ditando regras e horários. Conformando este corpo em virtude das vontades do capital, docilizando este corpo. O corpo, um corpo que se assujeita as sociedades e aos seus padrões estéticos capitalistas vigentes. Pereira *apud* Foucault (2010, p. 45) expõe a partir de uma sociedade disciplinar, através de técnicas próprias, formas de docilizar e moldar sujeitos, “a racionalização da sociedade ocidental que encontrou no corpo humano um novo objeto de exploração e controle. A modernidade terá sido por isso, responsável pelo desenvolvimento de uma nova forma de poder centrada no corpo.”

Vedando fluxos ou abrindo leiras em um terreno...

O cano estoura. Imediatamente inunda todo o local. A água esta transformando o local, provocando movimentos novos que antes não estavam sendo pensados. Esta criando algo novo que não era para estar ali... Em seguida busca-se consertar o cano, vedar os fluxos que escapam e querem fruir. Na escola isso é tão comum.

A criança que não se adéqua aos ‘padrões’ ditos adequados para um aluno: quieto, que pouco se movimenta que só faz comentários sobre o conteúdo trabalhado, que faz seus afazeres pedagógicos em dia, aquele aluno que é o inverso disso é logo tachado de indisciplinado, bagunceiro, problemático, e é reprimido, repreendido de inúmeras formas e modos a todo instante que quer fruir. Este aluno é logo vedado, e se não se consegue resolver a ‘contenda’, ou seja, padronizar este aluno, fazer com que se adéqüe ‘as normas da escola’ ele é prontamente encaminhado a outros profissionais na instituição: especialistas, supervisores, coordenadores pedagógicos que tentam vedar seus ímpetos, geralmente com ameaças, intimidações, advertências e se isso ainda permanecer encaminham-na aos profissionais da saúde que logo de pronto lhe receitam medicamentos sem nem ao menos buscar conhecer o que as moveu a estar ali.

Cada professor em sua sala de aula é responsável pelo modo como irá empregar suas práticas e empreender o conteúdo aos alunos, é o senhor de seu castelo, é ‘intocável’ e faz isso a começar de suas práxis e a partir de um corpo que carrega consigo todas as culpas e glórias que o constituem. Ao observar professores atuando percebo que muitos fazem, tratam suas práticas meio que no ‘piloto automático’, reproduzindo algo como era reproduzido enquanto este era aluno, não há brilho no olho, sorrisos largos e verdadeiros nas faces seguem um caminho árido sem um oásis à frente... Ao pensar tencionar o arco sobre este assunto não é intenção apontar o dedo e dizer se esta certo ou errado, cada um faz a seu modo, e conclui seus objetivos trilhando o caminho que lhe parece mais seguro, mas as vezes se percebe que o

caminho é longo e árduo demais para quem conduz o cortejo, e também para quem acompanha. Portanto, não é dando fórmulas, receitas prontas, formatando o disco rígido que iremos resolver tais questões, os vírus antigos e até mesmo novos irão novamente infectar este console e novamente precisaremos formatá-lo...

A pergunta é como tratar com tal questão? De onde partir e pensar se estes fluxos precisam ou não ser vedados? Creio que este seja o ponto do terreno onde possamos assentar mais nossos pés e o pensamento e buscar compreender por que isso ocorre.

Sim, não usualmente há os casos em que sim as medidas citadas acima sobre aqueles alunos, por exemplo, precisam ser tomadas, mas creio que podem ser muito amenizadas desde que se pense uma forma de pensar em tais questões. Assim como também não via de regra é preciso discutir sobre ‘os reis do castelo’. Não generalizando, mas sim, colocando o dedo numa ferida que esta aberta, pois, precisamos rever nossas práticas e modos de fazer do(c)entes. Uma sugestão é parar. Escutar. Ouvir o que o outro tem a dizer. Observar o que aquele corpo esta querendo, ou precisando dizer. Perder-se em meio às classes, em meio ao pó de giz, em meio aos contos de fadas, em meio às chaves e colchetes e parênteses e as classes gramaticais e durar, experimentar, encontrar... Poderíamos ao menos uma vez deixar que o cano estourasse e vazasse, inundasse a sala, e deixar ver, ao menos uma vez como seria trabalhar com os pés encharcados. “O corpo assujeitado pode libertar-se em alguma medida mesmo que provisoriamente, reinventando a sua subjetividade. E criar subjetividade implica em um ato criativo” (SILVA e LIMA, 2013, p. 199).

Como dito antes é transitar por jardins de diversas formas, é buscar caminhar com amigos nessa busca inquietante do fazer-se professor. Pensar que todos nós temos conhecimentos próprios e que somos criativos capazes de aprender e ensinar. Falta-nos apenas disparadores, dispositivos, algo que nos desperte a atenção, e que nos torne cheios de sentidos abrindo deste modo sulcos nesta terra para que possamos então começar a semear...

Quase um ponto de chegada, ainda não é. Faltar fechar algumas portas...

Cansado? Insatisfeito? Já consegues sentir os aromas deste ambiente aonde quis te levar? A cada um de nós estes aromas provocaram sensações distintas... Existem dúvidas ainda sobre o que busco tratar? Espero que sim, talvez esta seja minha intenção, fazer-te mover, sair de teu lugar comum, mesmo que por vezes, tivéssemos andado por caminhos já

trilhados por outros, usássemos e escutássemos as vozes de outros. As vozes de nossos amigos, por exemplo, para responder ou inquietar-nos ainda mais...

Falta-me fechar algumas portas do pensamento; penso sobre esta questão das portas como aberturas a outros lugares possíveis, feridas em paredes que se abrem quando as tocamos, sabe? Assim como feridas na pele... Ainda é preciso caminhar mais, plantar mais palavras neste jardim-texto, trazer quem sabe outros amigos, não andar com alguns, tentar de algum modo com eles, ou quem sabe só alinhar um pensamento mais apropriado sobre o que me inquieta... Não sei se percebestes, mas há muitas reticências neste texto. Elas me servem para dizer que há ainda algo a concluir, ainda falta fechar algumas portas.

Enfim, campeie nessa escrita a possibilidade de apresentar ideias sobre corpo, sobre práticas e metodologias a partir do ponto de vista de uma pesquisa cartográfica de onde surge um pretérito do qual me vejo, um currículo que me inquietou desde minhas observações de estágio, nas Licenciaturas das quais me graduei, e que, pois, não contempla além do que é proposto em disciplinas que por natureza de seus afazeres estudam o objeto norteador deste trabalho, - Ciências; Ed. Física; por fim, um currículo onde os fazeres do(c)entes vedam os fluxos que querem escapar. Um currículo que não se permite escutar, ouvir. Durar em suas aulas.

O que fiz nesta proposta de escrita cartográfica foi apresentar problematizações, provocações antes de tudo, para gerar discussões sobre estes temas, para em um contexto mais amplo buscar quem sabe alternativas que, ao menos, amenizem as dores dos que se encontram neste ambiente... Algo tão comum é do(c)entes estarem sendo medicados simplesmente por dizerem que são do(c)entes... médicos prescrevem medicações atenuadoras de stress, depressão, calmantes associando determinados males ao simples fato de o paciente dizer-se, ser professor. Mas, este é um outro tema a ser tratado, e não faz parte neste momento do foco de questões aqui apresentadas a discussão, podendo sim mais tarde, quem sabe tencionar o arco de questões acerca deste assunto.

Pensar sobre o corpo é pensar seu entorno, para além de uma necessidade é uma obrigação, pois este é um desafio permanente.

Referências:

AHLERT, Alveri. Corporeidade e educação: o corpo e os novos paradigmas da complexidade. Revista Ibero-americana de Educação. ISSN: 1681- 5653 - nº. 56/1-

15/07/2011. In: Disponível em <<http://www.rioei.org/deloslectores/3880Ahlert.pdf>> acesso em 16/06/2012.

ANJOS. Augusto dos. Monólogo de uma sombra. *In* Eu e outros poemas. 1910.

CAMPELLO, R. L. G. Cartas para ler e escrever. Cartografando uma prática de ensino. 2016. 78f. Dissertação (mestrado) - Instituto federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Programa de Pós Graduação em Educação, Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, Pelotas, 2016.

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. Revista Digital do LAV - Santa Maria - vol. 7, n.2, p. 66-77 - mai./ago.2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111/pdf_1 > acessado em 12/02/18.

COUTO, Edvaldo Souza. As façanhas dos extremos. O triunfo do corpo nas atividades físicas e esportivas radicais. In O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas/ Edvaldo Souza Couto, Silvana Vilodre Goellner, (Orgs.). – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. Vários Autores.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, v.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, G. PARNET, C. Diálogos. São Paulo: Escuta, 1998.

ESPANCA, Florbela. Diário do Último ano/Florbela Espanca – Porto Alegre: Pradense,2009.

FARINA, Cynthia. Arte e formação: uma cartografia da experiência estética atual. In: Anais da 31ª Reunião da ANPED. Caxambu, 2008. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:y98tS1A3yGsJ:31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GE01-4014--Int.pdf+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>> acessado em 17/06/15.

FOUCAULT, Michel. Historia da sexualidade I. A vontade do saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988. in. Do original em francês: Histoire de la sexualité I. la volonté de savior.

HARDT, Michel. NEGRI, Antonio. Multidão:guerra e democracia na era do império. Tradução: Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2005.

KASTRUP, V. PASSOS, E. TEDESCO, Silvia. Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum / org. por Eduardo Passos, Virginia Kastrup e Silvia Tedesco. – Porto Alegre: Sulina, 2014.

KASTRUP, V. PASSOS, E. ESCÓSSIA, Liliana da. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade / org. por Eduardo Passos, Virginia Kastrup e Liliana da Escóssia. – Porto Alegre: Sulina, 2015.

LE BRETON, David. Antropologia do corpo e modernidade/ David le Breton; tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MOSSI, Cristian Poletti. OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Torções e violências na produção de pesquisas em educação: anotações para uma teoria do corpo em ato. *In Estudos do corpo: encontros com arte e educação*. Wagner Ferraz e Camila Mozzini (Org). Porto Alegre: INDEPIN, 2013.

SANTOS, Lívia dos. Aqui tudo é diferente. Curadoria de Bitu Cassundé. Porto Alegre, 2016. Santander Cultural. *In Estudos do corpo: encontros com arte e educação*. Wagner Ferraz e Camila Mozzini (Org). Porto Alegre: INDEPIN, 2013.

SILVA, Renata de Lima. LIMA, Marlini Dorneles de. A dança como possibilidade de vivência de um “estado de liberdade”.

PEREIRA, Ana Luísa. Do “cuidado de si” nas ginásticas de academia. In: GOMES, Rui Machado et al. (Orgs.). *O corpo e a política da vida*. Lisboa: Editora Rui Machado Gomes, 2010.

ROLNIK, Suely: *Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo*, Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

SANTAELLA, Lucia. Pós-humano Por quê? *Revista USP*, São Paulo, n.74, p. 126-137, junho/agosto 2007. Disponível em: < <http://www.usp.br/revistausp/74/09-luciasantaella.pdf>> acessado em 02/09/17.

SIBILIA, Paula. Imagens de corpos velhos. A moral da pele lisa nos meios gráficos e audiovisuais. In *O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas/ Edvaldo Souza Couto, Silvana Vilodre Goellner, (Orgs.). – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. Vários Autores.*

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. *Corpo, comunicação e cultura: a dança contemporânea em cena/ Denise da Costa Oliveira Siqueira. – Campinas, SP: Autores Associados, 2006. – (coleção educação física e esportes).*

SILVA, Vera Lúcia Paredes P. Ao correr da Pena: Aspectos da Organização Tópica em Cartas Pessoais. In: HEYE, Jürgen (org.). *Flores Verbais: uma Homenagem Linguística e Literária para Eneida do Rego Monteiro Bonfim no seu 70 aniversário*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. p. 231-246.

STELARC. *Arte na Fronteira da Tecnologia - O humano “ampliado” no século XXI - Entrevista para o site Janela na Web*. jan. 2001. Disponível em:< <http://janelanaweb.com/digitais/stelarc.html>> Acesso em 21/04/17.